

SE NÃO MUDARMOS...

Vocês imaginam o que será então aquela guerra d'África, com a preparação de que demos sobejas e tristes provas durante as Expedições da Grande Guerra, os homens, como então, embarcados apressadamente pela política para acalmar a opinião pública alarmada com os primeiros revezes, a desorganização, a falta de material e a falta de dinheiro, as compras a crédito, a sucata adquirida em imoralíssimas negociatas, as botas de papelão e aquelas famosas conservas que lá saboreámos nos troços de couve com pedras à mistura para darem o pêso, as bôcas de fogo rejeitadas pelo Abd-el-Krim, a maior ruína, a miserável falência duma nacionalidade traída e vendida pelos judeus dos bancos, os judeus da política, os judeus do diabo que os leve, os novos ricos, as forças tôdas da direita e da esquerda, que neste iminente cataclismo são venerandamente passivas, — tudo como já foi mas mais desonesto, mais aumentado em falta de vergonha.

Roída de raiva, revoltada, a tropa lazarenta e faminta há-de entregar-se ao inimigo sem condições — um inimigo muito mais adestrado e aclimatado e aguerrido que os alemães do Leste Africano — porque, sem chefes de prestígio, os outros fazem sempre causa comum com a lei da conservação.

Haveis de lêr os artigos inflamados das gazetas transbordando de patriotismo ridículo que será covardia e fanfarronice e até traição, incitando à guerra e armando à popularidade, êles, que hoje vão roendo o queijo dos grandes monopólios, e, calados como ratos dentro do queijo do orçamento, hoje são mudos ante o início da liquidação final disto tudo, aproveitando apenas a sua grande circulação para concursos e baboseiras da intriga política que se põe ao léu em S. Bento e os leva para o quarto, aos puritanos, nas vielas escusas do Terreiro do Paço.

Lisboa, sem carácter e sem escol, há-de esperar um salvador; e, como êle não chegará nem de encomenda, contorcer-se há no desespero dos golpes d'Estado, dos pronunciamentos, das revoltas so-

ciais, escouceada por todos os burros, gozada por todos os bandidos, explorada por todos os *meneurs*.

Mas não começa por aqui, por Portugal, a derrocada. É por lá, pelas Colónias, que eu sinto fugirem-nos das mãos de dia para dia, o começo do fim.

A profecia é bem fácil. Só por comodismo, por absoluta indifferença de todos nós não se vê, não se sente, não se ouve o que se passa no Ultramar. Em linhas gerais temos:

Mercado fechado aos produtos da Metrópole pela protecção aduaneira e de transportes dos produtos estrangeiro;

Transferências de dinheiro chegam a custar 75 % de prémio e ainda é por favor do Banco Ultramarino;

Exército colonial sem quadros, oficiais cafrealizados, metidos dentro dos fortes (?!), rodeados de pretas e ignorando o terreno a 10 quilómetros de distância; e os soldados como os superiores hierárquicos;

O modelo da administração civil está ou na escolha dos funcionários, (que, desde Governador a chefe de Circunscrição, tanto pode ser correligionário a quem é necessário endireitar as finanças, como protegido que é preciso afastar daqui para que se livre das garras da polícia) ou no regimen dos Prasos, êsses estados soberanos dentro do nosso fingido Domínio Ultramarino, que tem por empregados quasi tôda a gente que na Arcada dita a lei colonial, sem que ninguém até hoje ouzasse pedir-lhes contas dos seus desmandos, da enorme responsabilidade da desnacionalização e abandono dos territórios da sua administração autónoma, a qual só se reconhece pela cobrança do imposto de palhota e pela guerra que fazem a todos os pequenos colonos nacionais. De Fomento não falo, que ainda não acredito que estive num distrito maior que Portugal, ocupado pelos portugueses há mais de 300 anos, que em 1915 não tinha nem uma ponte nem um quilómetro de estrada.

Com êstes elementos não temos direito a fazer prognósticos optimistas nem a esperar melhor desfecho.

O acaso vem-nos deixando possuir há mais de um século aqueles vastíssimos territórios como que esperando que com o andar dos tempos ganhássemos juízo e experiência. Mas agora começa a cansar-se, a aborrecer-se de esperar, e não vem longe o dia em que nos gritará: «ou se emendam, e já, ou olho da rua!»

À Alemanha sem colónias, à Itália sem arrumo para a sua corrente emigratória, à Inglaterra a desviar as atenções do que é seu e daquilo que apanhou em Versailles, aos afrikanders sonhando a independência, aos americanos que já sabem ser a África bom mercado, à humanidade inteira a querer alargar a sua esfera de acção, respondem meia dúzia de palermas ali em Lisboa com um sorriso de desdém e imbecilidade, surdos e indiferentes aos protestos dos que se insurgem contra o esbanjamento, o criminoso abandono do património nacional. Se contarmos, para a primeira garantia de posse, com a ida de uma expedição que só por ter partido da Metrópole fará debandar os pretendentes, é ilusão pueril que talvez já nem chegue a passar pela cabeça sonhadora dum cadete de cavalaria: pois basta pensar logo nas primeiras dificuldades do desembarque, e depois nas outras, como um inimigo valentíssimo, sóbrio, conhecedor do terreno, insubordinando os indígenas e tomando conta de tudo o que lá possuímos como resto de passada soberania.

Porém, se os homens da política se resolverem em mudar de rumo, e com afinco, inteligência e método se lançarem no estudo e resolução dos problemas vitais das Colónias, saneando as finanças, organizando o exército, fomentando e dirigindo a colonização portuguesa para as zonas das possessões ultramarinas onde há óptimo clima de adaptação europeia, — não se evitarão as guerras nem outros males financeiros e comerciais, mas da luta saíremos vencedores, e confirmaremos por um acto valoroso a nossa nacionalidade, que, da Restauração para cá, só se sente pelo direito que nos reservaram de podermos hipotecar e vender os bens de Portugal.

SARMENTO PIMENTEL.